

PI 119

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS EM UM HOSPITAL DE ENSINO DA AMAZÔNIA

Samuel Oliveira da Vera,
Tânia Do Socorro Souza Chaves

Instituto Evandro Chagas, Belém, PA, Brasil

Introdução/objetivo: Após o advento da terapia antirretroviral, a história natural da infecção pelo HIV parece ter ganhado novos caminhos. Porém apesar de ter proporcionado mudanças significativas na vida destes indivíduos que passaram a conviver com uma doença crônica, são poucos os estudos que estudam a qualidade de vida dessa população no Brasil, especialmente na região amazônica. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo avaliar a qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/Aids que fazem terapia antirretroviral atendidas no ambulatório de um hospital universitário da região amazônica.

Métodos: Delineamento descritivo e transversal realizado com 208 usuários cadastrados em um serviço ambulatorial especializado em atendimento a pessoas vivendo com HIV/Aids do hospital universitário de ensino João de Barros Barreto na cidade de Belém-PA. Os dados foram coletados nos meses de novembro e dezembro de 2019, por meio de um formulário contendo variáveis sociodemográficas e por meio do instrumento específico WHOQOL-HIV Bref, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde para avaliação da qualidade de pessoas vivendo com HIV/Aids. O projeto de pesquisa foi aprovado sob o n° Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 13425119.0.0000.0019 e n° CAEE: 13425119.0.3001.0017.

Resultados: A maioria dos participantes eram homens, heterossexuais, solteiros, com ensino médio completo, de baixa renda, que consideravam bom o seu estado de saúde atual e não se consideravam doentes, adquiriram HIV/Aids por meio de relação sexual e que apresentavam CD4 e carga viral acima de 350 células/mm³ e abaixo de 50 cópias respectivamente. O maior escore do WHOQOL-HIV Bref médio foi encontrado no domínio espiritual 17,1 (± 2,8) e o menor no domínio nível de independência 14,2 (± 2,8). Observou-se de forma geral correlações moderadas positivas e que apenas a correlação entre os domínios nível de independência e espiritual não foram estatisticamente significantes ($p > 0,05$).

Conclusão: Conclui-se que a qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV/Aids do respectivo hospital universitário foi positivamente avaliada, uma vez que, foi considerada mediana em 5 dos 6 domínios avaliados e muito boa no domínio espiritual. Nossos resultados sugerem que o apoio social, religioso, ter um emprego e acesso aos serviços de saúde podem melhorar a qualidade de vida desse grupo populacional na região amazônica.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102115>

PI 120

AVALIAÇÃO DE ADULTOS QUE ADQUIRIRAM HIV POR VIA VERTICAL EM ACOMPANHAMENTO EM UM HOSPITAL NO SUL DO BRASIL

Amanda Savariego Gabriel,
Monica Maria Gomes da Silva

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Globalmente, cerca de 5 milhões de jovens com idades entre 15-25 anos vivem com o HIV, sendo uma parte deste grupo composta por aqueles que adquiriram a infecção por via vertical. Essa população constitui a única faixa etária em que a mortalidade relacionada ao HIV continua em curva ascendente. Estudos avaliando pacientes infectados pelo HIV-1 de forma vertical descrevem prioritariamente a população pediátrica, com poucos estudos acerca de jovens adultos e sua progressão de doença. Para melhor compreensão dessa população, cujo manejo da infecção pelo HIV se mantém desafiadora, analisamos 90 adultos que adquiriram HIV por via vertical, em acompanhamento em um Hospital terciário. Desta população, a média de idade é de 23 anos, sendo 47% do gênero feminino e 53% masculino. Todos receberam recomendação de uso de ARV, sendo que em 34% da população estudada, não havia controle virológico. Nestes, a mediana de HIV-RNA era 4096 cópias/mL. Por outro lado, do ponto de vista imunológico, 91% dos pacientes apresentavam contagem de células T CD4 > 200 cél/mm³, com mediana de CD4 de 644 cél/mm³, com relação CD4/CD8 mediana de 0,8. Contrário ao esperado, a combinação de ARV mais utilizada é TDF/3TC/DTG. Da população analisada, 52 participantes foram submetidos a genotipagem durante o seguimento, sendo que 71% apresentava vírus R5-trópico. Finalmente, retenção de tratamento foi analisada, nos anos 2019, 2020 e 2021, mostrando que 71% dos pacientes fechou critérios de retenção de tratamento. Por outro lado, a frequência em consultas, definida como “retenção do cuidado” foi menor, com 29% preenchendo as definições utilizadas. Demais dados demográficos e análises, incluindo de como a pandemia da COVID-19 influenciou a retenção de cuidado e o tratamento, serão apresentadas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102116>

PI 121

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DO ENSINO SUPERIOR SOBRE A INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)

Rávila Fernanda Sousa Maia ^a,
Leidiane Gabriely Silva ^a,
Larisse Silva Dalla Libera ^b,
Geisenely Vieira dos Santos Ferreira ^c

^a Faculdade Evangélica de Ceres, Ceres, GO, Brasil

^b Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

^c Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO, Brasil

Introdução/Objetivo: Os jovens são o público mais afetado pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e pela síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA), pois são mais susceptíveis a terem múltiplos parceiros sexuais, realizarem sexo sem proteção ou fazerem uso de drogas. Desta forma este estudo tem por objetivo avaliar o nível de conhecimento sobre a infecção por HIV e a SIDA, em acadêmicos de graduação, em uma Instituição privada no interior de Goiás.

Métodos: Trata-se de um estudo descritivo transversal, em que foram aplicados autoquestionários online em estudantes de graduação, independente do período ou curso. Os questionários continham 42 questões objetivas relacionadas com conhecimento sobre HIV, SIDA e profilaxia. Os questionários foram divulgados eletronicamente por meio das mídias sociais e por correio eletrônico, convidando os acadêmicos a participarem de forma voluntária, respeitando os critérios do TCLE e a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número do parecer 4.782.560. Os dados foram tabulados e analisados quantitativamente e qualitativamente pelo Graph Pad Prism.

Resultados: No total 126 alunos responderam à pesquisa, em que a maioria tinha entre 18 e 23 anos (88,1%), eram do sexo feminino (73%) e tiveram vida sexual ativa antes dos 18 anos de idade (60,7%). Grande parcela dos acadêmicos possuem apenas um parceiro sexual (53,1%), apesar de que (46,9%) relataram fazer sexo com mais de um parceiro e fazer uso de preservativos (43,7%). A maioria dos participantes não conhecem as formas de transmissão do vírus, por exemplo, acham que compartilhamento de utensílios pessoais transmite o HIV. As informações sobre a infecção do HIV foram obtidas principalmente da internet e não por campanhas públicas, além disso, observa-se que não há entendimento acerca da SIDA, pois, os conhecimentos sobre a transmissão não foram corretamente respondidos, onde o quadro clínico da SIDA transmite o HIV e não a síndrome provocada por ele. Quanto aos meios de prevenção à infecção pelo HIV, sobre profilaxia pós-exposição (PEP) e profilaxia pré-exposição (PREP), no geral, o conhecimento foi alto.

Conclusão: O índice de conhecimento dos acadêmicos avaliados ainda é baixo, principalmente em relação as formas de transmissão do vírus e desenvolvimento da SIDA. A desinformação sobre o HIV associada a práticas sexuais de risco e a carência de informações principalmente por políticas públicas, impactam diretamente na prevalência e incidência do HIV.

PI 122

BARREIRAS NA UTILIZAÇÃO DA PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO (PREP) SEXUAL AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: REVISÃO INTEGRATIVA

Marcela Antonini, Marcela Antonini,
Henrique Ciabotti Elias,
Ingred Evangelista da Silva, Renata Karina Reis

*Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo (EERP-USP), Ribeirão
Preto, SP, Brasil*

Introdução: A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) sexual para o vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) apresenta alta eficácia entre aqueles com ótima adesão a medicação. Porém, o número de pessoas que buscam pela profilaxia ainda é baixo além da elevada taxa de descontinuidade entre aqueles que a iniciam. Assim, esse estudo teve como objetivo compreender “quais as barreiras para o uso e os motivos para descontinuar a PrEP sexual para o HIV?”.

Método: Esta revisão integrativa utilizou os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) e o Medical Subject Headings (MeSH) para a busca de arquivos nas bases de dados: National Library of Medicine (Pubmed), Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Embase, Academic Search Premier e Scopus (Elsevier). Os arquivos foram analisados por dois revisores independentes e uma terceira pessoa que resolveu os conflitos. Foram incluídos apenas estudos primários com participantes que já utilizaram a PrEP. Cinco categorias foram formadas: barreiras multifatoriais, estigma do HIV, aspectos relacionados à medicação, vulnerabilidade programática e hábitos de vida.

Resultados: De 1.749 artigos resgatados, 207 eram duplicados e apenas 17 (100%) responderam a pergunta de pesquisa. Destes, a maioria (70,59%) identificaram múltiplas barreiras para o uso da PrEP. O estigma das medicações utilizadas para o tratamento do HIV, a errônea associação da PrEP com comportamentos promíscuos, falhas assistenciais como dificuldade de acesso aos serviços e resistência dos profissionais em prescrever a PrEP foi relatado em 52,94% dos achados. Ademais, fatores relacionados ao aspecto da pílula, aos efeitos adversos à medicação (47,0%) e os hábitos de vida como o esquecimento, estresse, agenda ocupada, uso de álcool e estar fora de casa (41,18%) também foram identificados como barreiras.

Conclusão: O uso da PrEP é permeado por barreiras multifacetadas. É necessário compreender e responder às barreiras para o uso não só entre os usuários, mas também entre os membros de suas redes sociais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102117>

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102118>